

XIème Rendez-vous de l'Internationale des Forums VIIème Rencontre Internationale de l'École de Psychanalyse des Forums du Champ Lacanien

09-12 JULIO | 2020

Paseo La Plaza - CABA
Av. Corrientes 1660

Buenos Aires
Argentina

Prelúdio no 2

O tratamento dos corpos em nossa época e na psicanálise.

Colette Soler, 21 de julho de 2019

A expressão « tratamento dos corpos » supõe, por hipótese, que os corpos não são simplesmente determinados pela máquina vivente do organismo. É o postulado da psicanálise lacaniana: há uma fabricação dos corpos pela via linguageira, e o inconsciente gerador de sintomas descoberto por Freud é linguagem. Então, não há como convidar o neuro-comportamentalista para nosso debate, a menos que seja como um contraponto¹ ... mental, para valorizar o contraste.

Mas qual é a **questão** trazida pelo título? Evidentemente, aquela da mudança dos indivíduos assujeitados ao capitalismo, após mais de três séculos de sua existência. Mais implicitamente, entretanto, esta questão esconde uma outra, aquela do poder do discurso analítico nesse contexto. Desde a origem, com efeito, o dispositivo freudiano pretende resolver os problemas do corpo, que foram nomeados sintomas sexuais no tempo de Freud – que Lacan os tenha relacionado ao sujeito da fala, isso não muda nada.

Vemos, então, **de onde se coloca a questão**: ela vem da inquietação quanto ao futuro da psicanálise, pois os dois tratamentos do corpo, pelo capitalismo e pela psicanálise, se confrontam. Além do mais, ela mesma já mudou desde a emergência do ensino de Lacan, que não apenas se impôs a um número sempre maior de psicanalistas – eles mesmos sempre mais heterogêneos –, mas que, a partir de seu próprio movimento não cessou de evoluir, e especificamente sobre a questão de seu poder sobre os sintomas do corpo – digamos, de gozo.

Os corpos já tratados

Como responder à questão do tratamento dos corpos na época, a não ser a partir do que recolhemos no dispositivo da análise quanto à verdade dos gozos. Melhor seria evitar a repetição do discurso da época sobre essa questão (quantos dicionários sobre o corpo nos últimos anos?), e

¹ NT: no original *repoussoir* que é uma pessoa que valoriza outra por oposição, por contraste.

não esquecer que o que se observa, o que as mídias destacam, (pela aparência, tatuagens, regimes e cirurgias, e para as práticas, a desnormalização dos gozos, etc.) e que está ao alcance de todos, psicanalistas incluídos, não é da alçada do saber analítico.

Eu parto do seguinte: a psicanálise recebe os **corpos já tratados** pelo discurso de seu tempo e eles são solidários do grande « clamor » da humanidade. Ora, se os *habitus* dos corpos tratados mudam segundo as culturas, a observação o atesta, o clamor permanece. Portanto, a questão para o psicanalista, mais além de toda a fascinação pela descrição das mudanças, é de saber o que, do corpo, funda a constante da queixa que lhe é dirigida no início, e que ele tem o « dever de interpretar » para mudá-la.

O que ela diz desses corpos já tratados, quer dizer, submetidos ao laço social, digamos, socializados? De Freud a Lacan, a psicanálise se fez **leitura da época**, e uma concepção dos corpos socializados se desenvolveu². Esta leitura começa em Freud por uma denúncia do recalçamento sexual que aí opera, que estaria na origem dos sintomas e que a psicanálise tentaria eliminar; ela continua em Lacan com a hipótese estrutural do efeito negativo da linguagem que ele substitui à primeira hipótese freudiana sobre a repressão social, o que muda o estatuto do sintoma; ela está hoje entre alguns, cinquenta anos após a morte de Lacan, muito mais em uma denúncia do inverso: uma falta de recalçamento, diz-se às vezes, ou um excesso de gozo, enquanto que Lacan lê aí justo o contrário : a « sede da falta a gozar »³. Pode-se fazer o balanço dessas leituras mais de um século depois? Esse poderia ser um dos frutos de nosso Encontro. O campo é vasto: que seja com Lacan, da lei da limitação do gozo, de sua origem, de seu significante maior, o Falo, de seu ordenamento secundário pelo discurso com seus significantes mestres, da função de suas formas sintomáticas, etc.? Eu posso dizer etc. pois toda a teoria analítica, de fato, diz respeito à impotência onde estão esses corpos uniformizados nos laços sociais, para satisfazer os sujeitos. Esse era o caso em 1900, e é ainda em 2020. É o que não muda. O que dizer, então, dos efeitos próprios do capitalismo e da remodelação dos laços sociais que ele gera?

O capitalismo, o que ele não trata

O tema da novidade floresce: novas formas sintomáticas (orais perversos e trans,) novas imagens, (tatuagens ou cirurgias), novos ideais do corpo e de suas relações em redes, e assim por diante; mas que progressos podemos esperar para os seres que se definem como seres falantes? O clamor crescente não é promissor, e impõe que o psicanalista se dê conta, se quiser se fazer parceiro desses sujeitos ditos, eles também, novos.

² Veja « Psicologia das massas e análise do eu » bem como *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

³ Radiofonia. In : *Outros Escritos*, p. 400

Eu vou ao fato: como o capitalismo trata os corpos? De certa forma poderíamos pensar que ele cuida mais do que nunca: liberdade de movimento, meios de deslocamento inédito, medicina em progresso, cirurgia de ponta, prevenção, assistência... Mas é o publicitário que fala aí. Escutando o clamor, nos perguntamos, antes, o que ele não trata e que os outros discursos talvez tratem um pouco melhor. Bem, ele não trata justamente o que a psicanálise clareou: o fato de que os corpos, enquanto tais, e não somente aqueles do capitalismo, são « proletários », não têm nada para fazer laço social de seu gozo, segundo a tese de Lacan. Eles dependem do Um. Um laço social de suplência, é o que os discursos oferecem aos corpos proletário,s enquanto que o capitalismo lhes oferece apenas as redes e conexões múltiplas, capazes de deslocar os sujeitos, mas quanto aos corpos que pesam e têm lugar, seu grande recurso parece se reduzir à segregação com seus muros.

Estamos aqui na fronteira entre, de um lado, o que não se pode mudar, ou seja «o real disso que surge na linguagem»⁴ – que está presente para todos os falantes, de todos os tempos e que no fundo define o humano – e, de outro, o que flutua, o efeito do discurso, historicístico⁵. Impossível, em todo caso, com nosso tema, não recolocar no canteiro de obras, a questão da **definição e do destino do laço social no capitalismo**, pois que não há sociedade, mesmo capitalista, sem laço social algum.

A corpo-regência⁶

Eu me ateno agora aos meios. Não há dúvidas de que os corpos se socializam por tudo o que se nomeia educação, isso começa com a família, mas isso não para. Lacan diz *etolização* (« é-dupation ⁷») para indicar que se trata de produzir os tolos do discurso. Que ela use palavras e imagens, nos levaria a conceber três corpos, correspondendo às três consistências: do imaginário, do simbólico e do real, salvo que, por enodamento, esses três não que um, aquele da *etolização* (*é-dupation*) impõe uma ordem por essas palavras de autoridade colocadas no lugar de comandos. Discurso do Amo. É a diferença com a psicanálise que não joga com a norma, mas que usa dos mesmos instrumentos, as palavras, para visar o gozo sintoma do sujeito na interpretação.

Está em jogo nos dois casos o que Lacan nomeou o sujeito da literatura e na conferência «Joyce o sintoma II», a corpo-regência», a «regência do corpo».

Nada a ver com a correção, mas sim com a orientação da libido. Eu dediquei muito tempo a elucidar completamente esta noção. Até perceber que a palavra regência não está em nenhum dicionário do século XVIII nem do XIX. O termo é recente, ele vem da linguística da metade do

⁴ O Aturdito. In : *Outros Escritos*, p. 448

⁵ NT. No original *hystorique*, neologismo que muda a grafia de *historique* (histórico) para equivocar com *hysterique*.

⁶ NT. No original *corpo-rection* que é homofônico a *correction*.

⁷ NT. Neologismo a partir de um jogo de palavras entre *éducation* (educação) e *dupes* (tolos)

século XX (1969) e designa o modo como um termo da língua se conecta aos outros, especialmente o verbo ao seu complemento. Estamos falando, então, de uma « relação de regência ». Todo lacaniano fica de orelha em pé quando escuta a palavra relação. Difícil pensar que Lacan não tivesse esta definição na cabeça, ele para quem a cadeia significante da fala suplementa a relação sexual que falta, para assegurar o laço dos corpos ; ele que, mais precisamente, fez do verbo um significante « *passibête*⁸ ». O significante é besta, pois ele não tem sentido, mas o verbo, ele assegura mesmo assim o deslizamento do sentido e desses equívocos na relação gramatical de regência entre as palavras ; e sem a regência das palavras, não há regência do corpo. Dito de outro modo, o corpo proletário do « há do um », não se enoda a outros, não advém corpo socializado, e mesmo desejoso de um parceiro erótico, a não ser pela relação de regência entre as palavras. A cadeia das palavras faz dela aquela dos corpos, ainda que borromeana.

O corpo, não o organismo, mas o corpo, se fabrica então... pela gramática, a sintaxe, que se supõe o léxico vindo de *lalíngua*. Freud, em uma intuição genial anterior à linguística falou da « gramática da pulsão » e Lacan, muito cedo, da pulsão como « Tesouro dos significantes », antes de introduzir finalmente em *Mais, ainda* a noção do « corpo falante ». Cada corpo falante que chega ao psicanalista já foi tratado pelo discurso do tempo via *etolização* (*é-dupation*) – isso porque a psicanálise é uma lente sobre a época. Ele já tem, então, suas palavras e sua gramática. Levando em conta que há palavras e palavras, aquelas do discurso que comanda a todos e aquelas dos inconscientes jamais coletivos. Dito de outro modo, a corpo-regência não é Uma, mas dividida. As palavras do sujeito não são unicamente aquelas de sua *etolização* (*é-dupation*), pois o inevitável fracasso disso, bem percebido por Freud, deixa subsistir em cada falante a lacuna de sua verdade, aquela que se escreve com as palavras de seu inconsciente que ele também fala, mas com o corpo. Às palavras e à gramática é preciso além do mais, acrescentar a lógica, « sem a qual a interpretação será imbecil »¹⁰ diz *O Aturdito*. É a lógica do impossível de alcançar pela relação de regência de palavras, que prometem certamente um parceiro, social e/ou erótico – em gramática diz-se um complemento de objeto –, mas em caso algum uma « relação sexual ».

A operação analítica

A psicanálise opera sobre a corpo-regência. Essa foi feita pela palavra e é tratada na análise pela palavra interpretada. Ela restitui então ao analisante o que, nele, resistiu à sua *etolização* (*é-dupation*), à des-maternalização de sua língua e de sua gramática, e ela dá pé à sua verdade de gozo dando-lhe um certo saber sobre o que o encombe como sintoma de *seu* inconsciente, do

⁸ NT. Neologismo a partir de *pas si bête* (não tão besta)

⁹ Seminário 20 *Mais Ainda*

¹⁰ *O Aturdito*. In: *Outros Escritos*, p. 448.

inconsciente que de sua *lalíngua* afeta *seu* corpo. Esta visão geral tomada sobre essa corpo-regência própria não promete nem amanhã que cantam, nem a unção reconciliadora. Ela não trabalha pelas ilusões de esperança, ela antes as deuncia em uma lacuna de dissidência ética em relação à sua época, mas Freud não a dizia menos impossível que a educação. É preciso, então, fazer um balanço disso que ela obtém no que concerne os sintomas de gozo, mais além de moderar seu inconveniente, terapeuticamente. Freud marcou uma parada subjetiva sobre a recusa da castração. Lacan marcou, por sua vez, o incurável do muro da linguagem com suas impossibilidades que valem para todos e, especialmente, na análise, aquela de superar o inconsciente-*lalíngua* e seus efeitos. É uma parada, sem dúvida, mas real, o que abre o espaço possível da variedade, *varité* como ele diz, das respostas subjetivas no lugar do real próprio ao Inconsciente¹¹. Assim, ao re-tratar os corpos já tratados pelo discurso e pelo inconsciente, ela trata também os sujeitos, os sujeitos que têm seus corpos. Em outros termos, ela deixa chances à eficácia de seu dizer — a avaliar no caso a caso.

Tradução : Ana Laura Prates

Revisão : Marcos Barbai

¹¹ I° allemande, Scilicet 5, p. 17